

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Omeia da Manhã

Class.: 02

Data: 14/11/67

Pg.: 13 (1º Caderno)

NA TRILHA DOS INDIOS KARAJÁ - III

DEUS TIRA KARAJÁ DO ETERNO ARUANÁ

Contran da Veiga Jardim

CM/1967/11/14/13

Diz a lenda, contada pelos próprios índios, que os Karajá (do grupo primitivo Inã) eram peixes imortais. Aruanã, cuja espécie ainda hoje vive nas águas do Araguaia. Deslumbrados com a beleza da selva e a liberdade dos estranhos animais que viuham matar a sede na beira do rio, os peixes imortais pèdiram ao Grande Espírito de Berohocá (Rio Araguaia) que os fizesse também habitantes livres daquelas matas e campinas verdejantes. Seus desejos foram atendidos, mas sob uma condição: não mais seriam imortais. E pela força divinatória e mágica de Berohocá, toda a região ribeirinha viu-se de repente repleta de novos habitantes.

Através do vasto mundo verde, os Karajás viram-se a braços com dificuldades de toda espécie. Não tinham ainda conhecimentos satisfatórios para enfrentar aquela elemento estranho. Angustiadíssimos, imploraram a Kanaciúé (Deus Supremo, Criador de todas as coisas) que os ajudasse. Então, o Pajé sonhou com máscaras e vestimentas e ouviu a poderosa voz de Kanaciúé, que lhe dizia: "Faça máscaras e vestimentas iguais a essas, que deverão ser usadas pelos guerreiros eleitos, os quais receberão os espíritos dos Aruanãs. Estes serão os guias da tribo." E, no sonho, Kanaciúé apontou os guerreiros privilegiados.

Até hoje, na Dança de Aruanã, ninguém, a não ser o Pajé, sabe quem se esconde sob o manto sagrado. As longas máscaras, chamadas pelos índios de Dia-Sol, têm choça especial, onde são guardadas. Ali a entrada é proibida a mulheres e crianças e um sentinela permanente vigia os Dias-Sóis de Kanaciúé. É a Casa de Aruanã, onde os jovens irão aprender as leis que regem os destinos da comunidade e transmitem a sabedoria dos antepassados.

A ALDEIA

Na Ilha de Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, existem várias aldeias de Karajá, mas a mais importante é a de Santa Isabel. As malocas se alinham ao longo do Araguaia e de cada uma sai um caminho que leva à Casa de Aruanã. Defronte à Casa Sagrada existe um pátio de recreação, onde os guerreiros se reúnem para os comentários de suas façanhas do dia. Ali brincam, contam histórias e fazem seus artesanatos. As mulheres só podem ter acesso a esse pátio em casos excepcionais, mas sempre guardando distância da Casa de Aruanã ou Casa dos Homens.

Do lado de fora das malocas, os índios instalam os jiraus, onde guardam seus produtos da lavoura, caça e pesca. Como preferem dormir ao ar livre, armam "mosquiteiros" em frente às choças, repousando sobre grandes esteiras, que dão para toda a família. Encostados às choças, fi-

cam os longos painéis (trançados de palha, de forma retangular), que servem para o transporte dos produtos das roças. No paineiro (Behurá), o índio transporta até 30 quilos. No ferreiro ao lado das choças, as mulheres costumam ficar, entregues aos seus trabalhos manuais. Quando o Sol esquenta muito, elas estendem as esteiras, em posição vertical, seguras por varas, e ali, na sombra, permanecem vigiando as crianças que brincam livremente.

Soltos na aldeia, é comum ver-se animais domesticados pelos índios, entre eles, araras, jaguatiricas, coruja, gaviões, porcos-do-mato, cachorros, galinhas e até urubus. Os cães estão sempre magros, famintos e agressivos.

A CHOÇA

A choça (rotô) feita de palha de palmeira, é de formato retangular, bem diferente das primitivas, que eram arredondadas. Sua construção obedece à direção dos ventos, numa técnica ainda rudimentar, mas que protege todo o interior da casa. Eles não usam portas. A entrada da choça é muito baixa, não permitindo a quem estiver de fora uma visão nítida do que ela contém. Ao entrar, o visitante vai aos poucos vislumbrando os objetos e percebe que, do outro lado, existe também uma abertura, da mesma altura da entrada.

A um canto, um fogo brando, com suas trempes feitas de cascas de cupim do caipó. É o fogão do índio, onde os painéis, também de barro, estão sempre cheios de comida. A água de beber é para uso no cozimento dos alimentos é guardada em grandes potes de barro e em cabaças. Os copos são de barro ou cucas tiradas das cabaças. Conchas de moluscos servem de colheres para comer. As mulheres mexem os painéis com uma colher de pau. Encostadas às paredes, estão as armas de caça e pesca. Num pequeno jirau, os objetos usados no trabalho de artesanato.

Alguns enfeites pendem de travessas de madeira ou do trançado do teto, todo coberto de palha de babaçu ou sapê. Bem ao centro, o móvel principal da casa — uma longa esteira, feita de palha de baxanelra, babaçu e ou buriti — tem várias utilidades. É a mesma esteira que usam para proteger-se do Sol, dormir e receber seus convidados. É ao mesmo tempo cadeira, cama e mesa. Em alguns casos, essas esteiras são artisticamente trabalhadas, com desenhos em malhas hexagonais e de outros tipos, lembrando "gragas". Cestas de palha guardam os objetos considerados de valor (colares de unhas de onça ou de sementex, brincos de conchas, lindos pentes feitos com espinho de tucum, bragaçelas, tambetás e outros adornos). As cestas têm formatos variados e muitas delas possuem tampas.